

# Hortifruti Brasil

Uma publicação do CEPEA - USP/ESALQ  
Ano 1 • Nº 02 • Junho de 2002



## O PESO ARGENTINO

Com moeda desvalorizada,  
a Argentina ganha competitividade  
e desequilibra balança comercial  
brasileira





A Rogers é a marca da Syngenta para sementes de Hortaliças.  
Tomate faz parte de nossos negócios.  
Confie na Syngenta na hora de escolher  
a variedade de sua lavoura e agregue valor  
ao seu produto.



syngenta

[www.syngentaseeds.com.br](http://www.syngentaseeds.com.br)  
011 5643 6779



*Afirmamos, com muito orgulho, que o lançamento da Hortifruti Brasil foi um sucesso!*



Ana Júlia Vidal, 21 anos, faz parte da equipe e participa ativamente da elaboração da revista.

A intenção da nossa equipe ao criar a Hortifruti Brasil foi retribuir aos profissionais que compõem o setor hortifrutícola toda a atenção e o aprendizado proporcionado a cada membro de nossa equipe, especialmente aos estudantes que auxiliam as pesquisas do Cepea, mantendo contato com produtores, atacadistas e exportadores, em ligações diárias que envolvem muito mais do que uma simples cotação de preços, mas uma amizade que cresce a cada ano, transformando-se em parceria.

Passados dois anos de muito empenho (apoiados pelos patrocinadores da revista), fomos ao Agrishow e à Frutifeira, em maio deste ano, levar a todos nossa mais recente publicação. Graças à receptividade de muitos agentes que compõem o setor hortifrutícola, podemos afirmar que conseguimos cumprir nosso objetivo - dezenas de e-mail's,

cartas e telefonemas chegam ao Cepea para trazer-nos mensagens como:

*"Muito nos alegra ver uma publicação de alto nível direcionada ao mercado de HF" (SVS do Brasil - Sementes)*

*"Quero parabenizar toda a equipe Cepea pela elaboração deste material, que será de muita utilidade para nós que estamos no meio de produção" (Cargill Agrícola).*

*"Parabéns a equipe do Cepea - USP/Esalq pela publicação Hortifruti Brasil! Fomos apresentados aos trabalhos do Cepea no encontro na Associação Brasileira da Batata e a publicação nos sensibilizou pela sua linha editorial focada na análise econômica do mercado hortifrutícola" (Grupo de Produtores de Itapetinga-SP).*

Saber que estamos contribuindo para a melhoria do setor nos traz enorme satisfação. Por este motivo, afirmamos, com muito orgulho, que o lançamento da Hortifruti Brasil foi um sucesso!

Obrigado a todos por mais uma demonstração de respeito, de cumplicidade e principalmente pelo incentivo para continuarmos crescendo!



*Divulgação da Hortifruti Brasil na Frutifeira foi um sucesso! Da esquerda para direita, parte da equipe no estande da revista na feira, Mateus, Renata, João, Margarete, Aline e Renata.*

## ÍNDICE



Editorial	3	A Hortifruti Brasil agradece
Cartas	4	
Cebola	6	Junho, a vez do Brasil
Em Destaque	7	Cebola: setor recupera a competitividade
Batata	8	Ataque de pragas deprecia a batata

Tomate	9	Frio: mocinho ou vilão?
Capa	10	O tango dos hortifrutícolas
Laranja	13	Indústria abre negociações no portão
Mamão	14	Escassez deve continuar
Manga	15	Preços altos afastam consumidor

Melão	16	Frio pode dificultar reação
Uva	17	Jales e Pirapora iniciam colheita
Banana	18	De olho nos termômetros
Fórum de Idéias	19	De onde vem a crise argentina?

O conteúdo desta revista também é encontrado na versão eletrônica: <http://cepea.esalq.usp.br/hfjunho.zip>

A seção *Cartas* está aberta para receber dúvidas, sugestões e críticas a respeito da Hortifruti Brasil e dos assuntos relacionados ao setor. Aproveitamos para agradecer os inúmeros e-mail's que chegaram a nossa equipe solicitando o recebimento da revista. Inicialmente, somente aqueles que fazem parte do setor podem recebê-la por correio, os demais podem solicitar o envio via internet.

Tenho uma dúvida em relação ao preço da caixa de laranja. A metodologia do Cepea afirma: O levantamento da "laranja para indústria" refere-se à fruta posta no portão da fábrica. Já no mercado interno, é considerada a fruta na árvore, não levando em conta os custos com a colheita e o frete. Imagina-se que o preço da laranja para indústria seja mais alto que a laranja do mercado interno. Porém o que se vê na tabela da página de preços diários é o oposto, o preço da caixa da fruta na árvore é mais alto que a caixa da fruta posta no portão da fábrica. Qual a explicação para isso?

*Rodrigo Assemany*  
Administrador de Empresas.  
Rio de Janeiro

A laranja destinada ao processamento de suco possui um padrão de qualidade muito inferior (refugo) ao da fruta negociada no mercado interno, que se destina ao consumo *in natura*. Assim, os preços da laranja para mercado são quase sempre mais elevados.

Preciso de informações sobre a composição química do "limão" tahiti e dados sobre o processamento industrial do óleo e da casca do tahiti.

*João Arioli*  
Produtor  
Taquaritinga- SP

Sobre a composição química e nutricional do "limão" tahiti recomenda-se o livro *The Citrus Lemon* (na biblioteca da Esalq).

A Revista *Citricultura Atual*, do Gconci (Grupo de Consultores em Citrus), publicou no ano passado informações nutricionais de vários tipos de citros, entre eles estava a lima tahiti. Entre em contato com o Gconci (19-5461715).

Se precisar fazer análises nutricionais de algum produto, o Departamento de Tecnologia da Unesp está operando com um equipamento ultramoderno.

(16-3209-2675/2676/2677). Um pouco mais sobre o processamento industrial do óleo e da casca do tahiti pode ser encontrado no ITAL, em Campinas (19-3743-1700) e no setor de Tecnologia da Esalq ou da Unesp.

Somos uma empresa formada por vários produtores de batata. Gostaria de saber se vocês têm algumas informações mais específicas na área de batata.

*Jose Theodoro Swart*  
Agropomet Brazilian  
Potato Ltda

A Hortifruti Brasil tem uma página especialmente reservada para análises do mercado de batata e cotações diversas do produto. Além disso, você pode entrar em contato com os auxiliares de pesquisa do mercado de batata, Eveline e Mauro, no Cepea, pelo telefone: 19- 3429 8811. Eles podem lhe passar informações detalhadas sobre o comportamento dos preços.

Para receber a revista, enviar dúvidas, sugestões e críticas: [hfbrasil@esalq.usp.br](mailto:hfbrasil@esalq.usp.br),  
Tel: (19) 34298809  
Hortifruti Brasil -  
Cepea/Esalq - CP 132  
- CEP 13400-970 -  
Piracicaba (SP)

**EXPEDIENTE**

CEPEA  
Centro de Estudos Avançados  
em Economia Aplicada  
USP/ESALQ

Editor Científico:  
*Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros*

Editora Executiva:  
*Margarete Boteon*

Editora Econômica:  
*Mirian Rumenos Piedade Bacchi*

Diretor Financeiro:  
*Sergio De Zen*

Jornalista Responsável:  
*Ana Paula da Silva - MTB: 27368*

Assistente de Edição:  
*Ana Júlia Vidal*

Equipe Técnica:  
*Aline Vitti, Ana Júlia Vidal, Carolina Dalla Costa, Eveline Zerão, Ilonka M. Eijsink, João Paulo B. Deleto, Fernanda R. G. Pinto, Gustavo L. S. Vieira, Graziela Braga, Maria Luiza Nachreiner, Mateus Holtz C. Barros, Marina L. Natthiesen, Margarete Boteon, Mauro Osaki, Renata Ferreira Cintra e Renata R. P. dos Santos.*

Apoio:  
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Projeto Gráfico:  
*JR&M Propaganda e Marketing*  
Fone: 19 3422-0634 - [jr&m@merconet.com.br](mailto:jr&m@merconet.com.br)

Impressão:  
*MPC Artes Gráficas*  
Fone: 19 451-5600 - [mpc@mpcgrafica.com.br](mailto:mpc@mpcgrafica.com.br)

Tiragem:  
8.000 exemplares

Contato:  
CPostal 132 - 13400-970 - Piracicaba SP  
Tel: 19 3429-8809 - Fax: 19 3429-8829  
[hfbrasil@esalq.usp.br](mailto:hfbrasil@esalq.usp.br)  
<http://cepea.esalq.usp.br>

A revista HORTIFRUTI BRASIL pertence ao CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/ESALQ. A reprodução de matérias publicadas pela revista é permitida desde que citada a fonte e a devida data de publicação.

**Arames de Qualidade**



**BELGO** BEKAERT

Belgo Bekaert Arames S.A.

**0800-313100**

[www.belgobekaert.com.br](http://www.belgobekaert.com.br)



**SEATEC**  
CONTAINERS E MÓDULOS

Locação de containers  
Refrigerados (até -25°C),  
para cargas seca, silos e  
módulos habitáveis

DDG: 0800-770-6670 - Fax: (13) 3296-4229  
e-mail: [atendimento@seatec.com.br](mailto:atendimento@seatec.com.br) - [www.seatec.com.br](http://www.seatec.com.br)



# Agora a Hortifruticultura tem um novo Selo!



**LINHA HF**  
**Dow AgroSciences**

**Lorsban\***

**Ag-Bem\***

**Sythane\***

**Sabre\***

**Dithane\***

**Fungiscan\***

**Intrepid\***

**Tracer\***

**Stimo\***

**Pulsor\***

**Mancozeb\***

**Mimic\***

**Gliz\***

**Nor-trin\***

**Persist\***

**Kelthane\***

**Goal\***

**Karathane\***

**CUPROZEB\***

**ATRÁS DESTE SELO** encontra-se tecnologia, diversidade de produtos e muita proteção para sua cultura.

**Adote este selo!**

**ATENÇÃO** Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um engenheiro agrônomo.

Venda sob receituário agrônomo.



\* Marcas Registradas de Dow AgroSciences  
© Marca Registrada de Sincam Agro

Por João Paulo Deleo,  
Mauro Osaki e Eveline Zerio

# Junho, a vez do Brasil



## Oferta paulista deve aumentar

O volume ofertado de bulbinho deverá intensificar-se no mês de junho, uma vez que importantes regiões paulistas como Piedade, Divinolândia e São José do Rio Pardo aumentam sua produção no período. Segundo agentes do setor, neste ano a região de São José do Rio Pardo deve produzir 80 mil toneladas, em uma área cultivada estimada em 2,7 mil ha. O aumento de produção para a região é estimado em aproximadamente 10% com relação ao ano anterior - o período de oferta nesta praça vai de junho a agosto, com colheita de bulbinho prevista até 15 de julho. Em Divinolândia, a colheita do bulbinho se iniciou em maio. As variedades princesa, mercedes e granex, cujos sistemas de plantio são feitos por muda, deverão predominar na

produção paulista no mês de agosto. A região de Monte Alto (SP), por sua vez, estará iniciando a colheita da variedade mercedes em junho, mas o volume ofertado não deve ser grande, sua maior participação acontece a partir de julho, com pico de produção em agosto e setembro, devendo ofertar até outubro.

## Minas entra no mercado

Minas Gerais já começou a ofertar o produto em maio e deve intensificar a colheita em junho. Segundo produtores locais, a área de cebola plantada na região de São Gotardo é estimada em 700 ha neste ano, com produção média prevista de aproximadamente 50t/ha. A maior parte do plantio é feita sob o sistema de semeadura direta, havendo uma pequena parcela, pouco representativa, de bulbinho (1% a 2%).

## Maio foi mês da Argentina

Em maio de 2002, a demanda nacional pelo bulbo argentino foi maior em relação a anos anteriores, considerando a entrada antecipada da entressafra brasileira. Cerca de 95% das importações brasileiras de cebola são provenientes da Argentina - so Brasil é o principal comprador do bulbo argentino. No primeiro trimestre deste ano, a entrada da cebola produzida no país vizinho aumentou 53% em relação ao ano anterior, totalizando, segundo a Secex, 24 mil toneladas. Apesar dos valores pagos pela cebola estarem mais baixos dentro da Argentina, os preços praticados na fronteira com o Brasil e no mercado interno não sofreram alteração em relação a 2001. Cabe lembrar que, na terceira e quarta semanas de maio, as chuvas ocorridas nas roças argentinas e os problemas com a Operação Tartaruga (fiscalização da entrada do produto na fronteira), realizada por agentes da Receita Federal em Foz do Iguaçu, barraram as importações, que não foram suficientes para atender à demanda nacional, o que refletiu em alta de preços neste período. Embora haja mercadoria argentina a ser ofertada no mês de junho, o volume importado deverá ser menor, já que neste período as variedades brasileiras começam a ser colhidas, sendo oferecidas a preços mais baixos no mercado nacional, porém com qualidade inferior à sintética 14.

## Valores na fronteira mantêm-se similares a 2001

Sintética 14 - R\$/sc de 20 kg na fronteira



Fonte: Cepea

*O setor ceboleiro nacional enfrentou uma total reestruturação. Aqueles que se profissionalizaram estão mais competitivos e os consumidores, adquirindo um produto com melhor qualidade.*

# Setor recupera a competitividade

Com a abertura econômica em 1990 e a consolidação do Mercosul em 1995, o setor ceboleiro nacional apresentou profundas modificações na produção e na comercialização do bulbo. O Brasil era auto-suficiente no abastecimento da cebola no mercado interno até a década de 80, mas sofreu fortes alterações (negativas e positivas) em sua cadeia produtiva na década seguinte. O impacto foi duro para o setor, que perdeu 25% da participação do mercado interno para a Argentina, o equivalente em volume à produção paulista ou catarinense. Além disso, mais de 10 mil famílias deixaram a atividade, por exemplo, em Santa Catarina, após a implantação do Mercosul.

Da união de aduaneira em 1995 até 1998, a produção brasileira de cebola sofreu declínio devido à perda de competitividade das regiões produtoras do país em relação à Argentina, principalmente no quesito qualidade *versus* preço. Assim, no período analisado, registrou-se uma queda de 12% na produção nacional, enquanto a Argentina impulsionou sua produção em 75%. O salto do volume produzido pelo país vizinho é justificado pela sobrevalorização do real frente ao dólar (entre julho de 1994 e dezembro de 1998) e pela vantagem competitiva (preço e qualidade) da cebola argentina em relação à brasileira, uma vez que a tarifa alfandegária foi extinta em janeiro de 1995.

Apesar da isenção da tarifa facilitar a entrada do produto argentino no Brasil, a demanda pelo importado mostrou-se sensível à modificação da política cambial. Assim, com a desvalorização do real, em 1999, a quantidade importada do país vizinho diminuiu 67% entre os anos de 1999 e 2000.

A desvalorização do real também trouxe um efeito positivo aos produtores brasileiros, pois com a redução de oferta da cebola argentina, o produto nacional tornou-se mais demandado. Em 2000, ocorreu um aumento de 15% na produção brasileira em relação a 1999, sendo produzidas cerca de 1,142 milhão de toneladas de cebola. No mesmo período, a Argentina registrou um declínio de 22% na produção.

A retomada do setor não atingiu todas as regiões, somente as que reduziram seu custo de produção, introduziram novas variedades e aumentaram sua produtividade. Inevitavelmente, as regiões brasileiras com alto custo de produção e baixa qualidade do produto, frente à cebola importada, diminuiriam sua área de cultivo.

Neste contexto, a região de Piedade (SP) se destaca, uma vez que teve maior diminuição na área de cultivo em relação às demais. Esta região produtora caracterizava-se por apresentar duas safras no ano, sendo que a colheita da cebola tipo bulbinho (1ª safra) coincide com o período de comercialização da cebola argentina. Assim, o alto

custo e a baixa qualidade da cebola de Piedade determinaram a redução na área de cultivo da região na década de 90. Atualmente, os principais cinturões produtores da cebola estão concentrados nas regiões Sul e Sudeste e abastecem os principais centros consumidores (São Paulo e Rio de Janeiro).

Não foi somente a estrutura produtiva que acabou se modificando e se modernizando após a integração econômica. A comercialização do produto também merece destaque: a cebola tornou-se disponível o ano todo, apresentando excelente qualidade e preços atrativos. Desta forma, o principal beneficiado foi o consumidor brasileiro.

A modernização do setor foi tal que, mesmo com o câmbio argentino desvalorizado e com a recessão econômica enfrentada pelo país vizinho, o produto importado só é competitivo atualmente em algumas épocas do ano (principalmente no primeiro semestre), quando o Brasil ainda não tem condições técnicas de produzir em larga escala.

Contudo, o mercado brasileiro de cebola está mais sensível às mudanças políticas e/ou econômicas dos países do Mercosul, principalmente da Argentina, já que qualquer alteração poderá trazer um efeito positivo ou negativo na oferta do produto para o Brasil.

*Mauro Osaki, 27 anos, é Engenheiro Agrônomo e mestrando em Economia Aplicada na Esalq. Pesquisa o impacto da integração econômica do Mercosul no setor ceboleiro e é responsável pelos setores de batata e cebola na Hortifruti Brasil. (mosaki@esalq.usp.br)*





Por Eveline Zerio e  
Mauro Osaki

Novas regiões devem iniciar a colheita em junho, elevando a oferta interna

# Ataque de pragas deprecia batata

✎ Maior incidência de insetos na safra da seca  
A safra da seca, que se iniciou na segunda quinzena de maio, vem registrando grande incidência de pragas devido às altas temperaturas e à falta de chuvas durante o desenvolvimento da batata. Assim, grande parte do volume produzido está apresentando um tubérculo de diâmetro transversal miúdo, que resulta numa redução de 30% a 40% nos preços. No sudoeste paulista e no Paraná, as altas temperaturas registradas em fevereiro e março podem ter provocado uma quebra de produção, já que o excesso de calor no solo apodreceu algumas sementes, além de agravar a incidência de insetos, como a Larva do Alfinete, do Besouro e Mosca Minadora. Esses insetos normalmente perfuram a batata, deixando-a sensível a doenças e com a estética



prejudicada. No sul de Minas e em algumas regiões de Goiás, onde a seca durou um pouco mais, os problemas vegetativos causados pelo clima são os mesmos. Além das pragas citadas, algumas lavouras registraram incidência da traça, que ataca em épocas quentes e secas do ano. A traça faz uma galeria entre a pele e a massa do tubérculo, depreciando a qualidade. As batatas-sementes podem ser tratadas por defensivos e consumidas normalmente. Contudo,

se os danos forem maiores, podem causar perda de produção. Assim, a batata "campeã" deve estar escassa, consequentemente, com preços mais altos em relação às variedades comuns.

✎ Oferta pode aumentar  
Em junho, os preços do tubérculo devem permanecer nos mesmos patamares de maio, já que a colheita do produto deverá se intensificar ainda mais (continuando o processo iniciado na segunda quinzena de maio, quando os principais centros de abastecimento do país receberam maiores remessas de batata vindas das regiões de Cristalina (GO), sudoeste paulista, Triângulo Mineiro e Alto do Paranaíba-MG). Além disso, novas regiões, como Vargem Grande do Sul, devem iniciar a colheita. Cabe lembrar que muitas lavouras foram prejudicadas pelas adversidades climáticas no início do ano, o que deve valorizar as batatas de "excelente qualidade", provavelmente escassas em junho.

✎ Safra da seca inicia-se com queda de 21%  
Neste ano, o período de transição entre a safra das águas e da seca foi menor. Assim, a valorização normalmente registrada no período foi menos expressiva. Em 2001, a batata monalisa beneficiada apresentou média de R\$47,90/saca de 50kg, enquanto em 2002, sua média não passou de R\$37,76. Cabe lembrar que, no ano passado, a área plantada foi menor, o que acentuou a escassez comum na entressafra (maio).





*As baixas temperaturas regulam a oferta,  
mas afetam o consumo*

## Frio, mocinho ou vilão?

FOTO: SYNGENTA

**Os dois efeitos do inverno**

Apesar da expectativa de um inverno mais ameno, as baixas temperaturas devem repercutir de duas formas nas lavouras em São Paulo e Minas Gerais, principais regiões produtoras de tomate nesta época do ano. O frio deve influenciar tanto o comportamento da oferta do produto, uma vez que a maturação deve ser mais lenta, regulando a entrada de produto nos mercados, quanto na procura, já que nesta época o consumo de tomate *in natura* diminui em função da mudança nos hábitos alimentares da população, que passa a consumir menos salada.

O Instituto Nacional de Meteorologia (Inpe) prevê que as chuvas entre junho e agosto se manterão nos níveis históricos, entre 25 e 100 mm (condições de estiagem) - em praticamente todo o Sudeste. As temperaturas máximas médias para o período devem oscilar entre 22°C e 28°C,

e as mínimas médias de 12°C até 18°C, dependendo da altitude da região. Há possibilidade da chegada de massas de ar frio intensas (as previsões das condições climáticas estão sujeitas à alterações). Junho também promete valorização para o tomate maduro, que fica escasso com a chegada do frio.

**Argentina deve continuar ausente**

A grave crise econômica que a Argentina enfrenta tem refletido sobre as exportações de tomate *in natura* para o país vizinho. Segundo dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior) no 1º trimestre (janeiro a março) do ano passado, as vendas de tomate para a Argentina totalizaram US\$231.995,00, para um volume total de 35 mil caixas de 23kg de tomate. Já em 2002, não foi verificada nenhuma venda para o país. A ausência deste canal de escoamento retém a mercadoria nos merca-

dos locais, aumentando ainda mais a oferta disponível e pressionando os preços, em uma época de grande produção e vendas retraídas. Além disso, o mercado argentino sempre foi interessante ao setor, já que os preços negociados geralmente eram superiores aos praticados internamente. Agentes do setor não acreditam que os argentinos poderão ajudar no escoamento da oferta brasileira neste ano. Até maio, não houve procura por parte dos compradores vizinhos.

**Mosca Branca atinge interior paulista**

As altas temperaturas registradas até meados do mês de maio e o pequeno volume de chuvas que atingiu as principais regiões produtoras anteciparam a incidência de um dos maiores problemas para os produtores de tomate: a Mosca Branca. A doença, que atingiu de maneira severa as regiões paulista e mineira em produção durante o segundo semestre de 2001, passou a ameaçar a cultura já no primeiro semestre de 2002, em virtude da situação climática atípica do período. Contudo, as chuvas que atingiram os estados na terceira semana de maio e a queda na temperatura iniciada também durante este período devem ter amenizado o problema, que mesmo assim, chegou a prejudicar algumas lavouras no interior paulista, principalmente em Sumaré e Mogi-Guaçu.

### Baixo consumo deprime preços em maio/02

Preço do Tomate Carmem AA Salada no atacado de São Paulo - R\$ / cx. de 23 Kg



Fonte: Cepes



# O tango dos hortifrutíc

CAPA

Por Margarete Boteon e Equipe Hortifruti/Cepea

A partir de 2001, sem conseguir reverter 33 meses de recessão que seguiam até então, a Argentina entrou em grave crise econômica. Neste ano, a economia do país decresceu cerca de 4,5%. Em 2002, a situação agravou-se, Buenos Aires tornou-se palco de inúmeros protestos, o desemprego chegou a 22% da população economicamente ativa no início do ano e a inflação bateu 4% em fevereiro em relação ao mesmo período de 2001.

A renúncia do ministro da economia Domingo Cavallo, defensor da conversibilidade entre o peso e dólar, marcou a opção da desvalorização cambial na Argentina. Assim, o governo deixou o dólar oscilar e abandonou oficialmente a lei de conversibilidade.

No âmbito internacional, a desvalorização do peso torna os produtos argentinos mais competitivos, já que seus preços caem em dólar. O novo câmbio argentino também restringe as importações, porque encarece os produtos estrangeiros, inclusive os brasileiros. Além disso, a recessão econômica diminuiu o poder de compra do consumidor argentino, retraindo ainda mais as vendas do Brasil para este importante parceiro do Mercosul.

A desvalorização da moeda aliada à

**Em 2001, somando os principais produtos hortifrutícolas:**

Brasil vendeu para a Argentina US\$ 31,36 milhões

Mas, comprou da Argentina US\$ 177 milhões



**No primeiro trimestre de 2002, os principais hortifrutícolas já sentem o efeitos da crise argentina:**

Brasil vendeu para a Argentina US\$ 5 milhões

Mas, comprou da Argentina US\$ 45 milhões



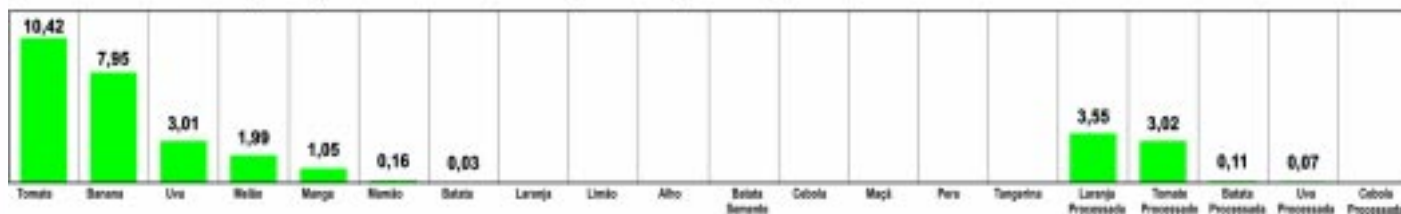
grave crise econômica e política na Argentina trazem sérias consequências comerciais para o Brasil, que perde a participação de um grande consumidor de seus produtos, inclusive dos hortifrutícolas. Em 2001, a Argentina comprou cerca de 12% dos produtos frescos hortifrutícolas exportados pelo Brasil.

Além disso, as vendas externas de hortifrutícolas do Brasil, principalmente para a Argentina, comparada com

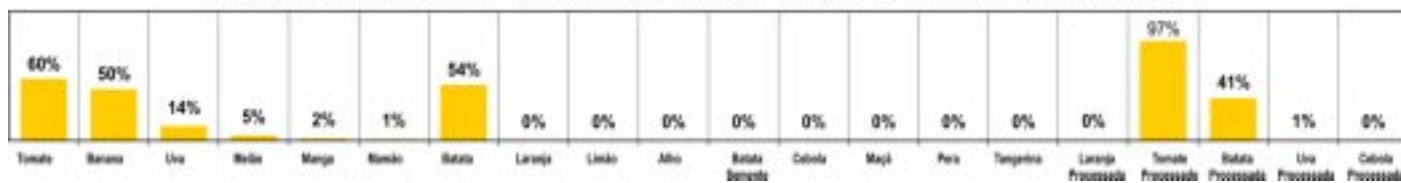
o mercado interno brasileiro é pequena para afetar drasticamente a produção brasileira.

Por outro lado, o Brasil sempre foi um grande consumidor de frutas e legumes produzidos na Argentina - representando cerca de 64% do volume financeiro total gerado com as importações nacionais. Analisando os principais produtos (tanto fresco quanto processados), o Brasil comprou, em 2001, US\$ 177 milhões e vendeu so-

**Principais produtos brasileiros exportados para a Argentina, em milhões de dólares em 2001**



**Participação da Argentina (%) no total exportado pelo Brasil dos principais hortifrutícolas**



Fonte: Secex



# A desvalorização do peso e a recessão argentina podem aumentar a oferta dos hortifrutícolas no Brasil



# olas

mente US\$ 31,36 milhões para a Argentina, quando o peso ainda era atrelado à moeda norte-americana e o Brasil já presenciava a desvalorização do real.

O agravamento da crise em 2002 pode acentuar essa diferença, já que as vendas dos produtos brasileiros recuaram e as importações dos principais hortifrutícolas argentinos aumentaram, em termos de quantidade. Neste primeiro trimestre, no auge da crise, o Brasil vendeu US\$ 5 milhões e comprou US\$ 45 milhões do nosso vizinho. Comparando com o mesmo período de 2001, os valores financeiros, tanto de importação quanto de exportação, dos hortifrutícolas (frescos e industrializados) são inferiores em dólares. Contudo, convertendo em moeda local (ambas se apresentam desvalorizadas frente ao dólar), a receita brasileira com as exportações para a Argentina aumentou 23%, enquanto as nossas importações geraram um au-

mento de receita para o nosso vizinho na ordem de 75% neste primeiro trimestre de 2002.

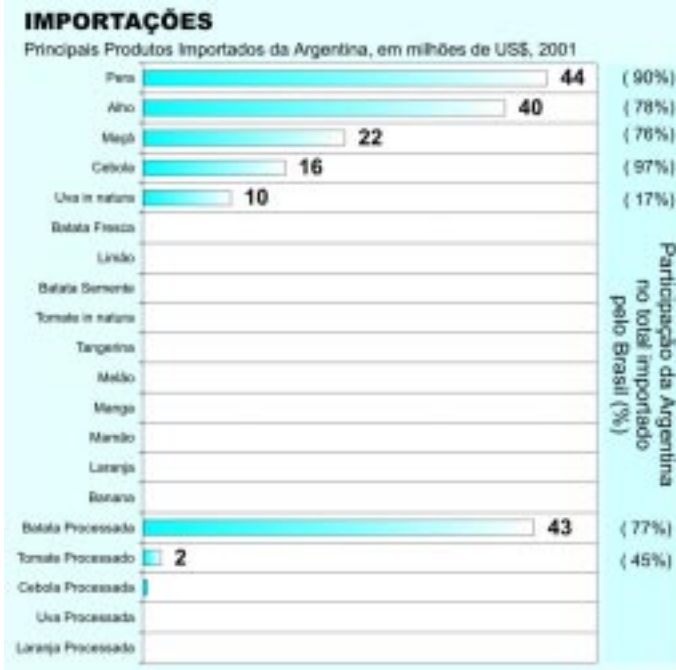
A maioria dos produtos importados pelo Brasil está entrando no país em maior quantidade e com preços mais baixos em dólares, gerando uma receita de importação menor em moeda norte-americana e relativamente maior em peso argentino.

Além dos fatores como o câmbio e a queda do poder aquisitivo argentino, o Brasil está enfrentando problemas fitossanitários com os produtos importados e de inadimplência por parte dos compradores vizinhos. Muitas vezes, o comércio entre os dois

países ocorre através da troca de produtos, dada a falta de dinheiro por parte dos importadores argentinos.

Esse novo cenário entre os dois países leva a prever que - pelo menos enquanto o peso permanecer mais desvalorizado que o normal - haverá um aumento na oferta de diversas frutas e hortaliça no Brasil, seja pelo aumento das importações ou pela redução nas vendas para a Argentina (o reflexo da crise por produto está descrito no quadro da página 12). O maior impacto deverá ocorrer na oferta dos principais produtos hortifrutícolas argentinos presentes em nosso mercado interno, dadas as condições econômicas enfrentadas pelo país e já mencionadas.

Contudo, o impacto não é generalizado, restringindo-se aos produtos exportados para a Argentina em maior expressão (o tomate fresco e processado, por exemplo) e os produtos argentinos que competem com os brasileiros direta ou indiretamente (como a cebola, batata congelada, pêra, alho e maçã). Mesmo assim, o reflexo nos preços nacionais dependerá da competitividade do produto argentino frente ao nacional.



Fonte: Secex










## IMPACTO DA CRISE ARGENTINA EM 2002

Receita com Importação e Exportação do Brasil para a Argentina no primeiro trimestre de 2002 comparada com 2001

Produto	Exportação (US\$)			Importação (US\$)		
	2001	2002	Var(%)	2001	2002	Var (%)
Alho	2400	-	-100%	15,868,962.00	13,723,977.00	-14%
Banana	805,902.00	3,469,053.00	330%	-	-	-
Batata	105.00	-	-100%	105,044.00	-	-100%
Batata Processada	114,124.00	-	-100%	10,638,064.00	11,037,140.00	4%
Batata Semente	-	-	-	-	-	-
Cebola Fresca	-	-	-	2,565,020.00	2,636,180.00	3%
Cebola Processada	-	-	-	410,493.00	497,512.00	21%
Cebola Semente	-	-	-	-	-	-
Laranja	1,638.00	78.00	-95%	-	-	-
Maçã	-	-	-	4,026,154.00	4,338,499.00	8%
Mamão	-	21,130.00	-	-	-	-
Manga	150,520.00	19,746.00	-87%	-	-	-
Melão	112,543.00	15,670.00	-86%	-	-	-
Pera	-	-	-	12,353,818.00	10,446,993.00	-15%
Suco	1,667,025.00	120,633.00	-93%	-	-	-
Tangerina	-	-	-	-	-	-
Tomate Fresco	231,995.00	-	-100%	-	7,413.00	-
Tomate Industrial	2,260,506.00	1,353,573.00	-40%	-	-	-
Uva	-	-	-	732,645.00	1,199,800.00	64%
Uva Industrial	45,995.00	2,858.00	-94%	1,261,242.00	907,298.00	-28%
<b>Total em Dólar</b>	<b>5,392,753.00</b>	<b>5,002,741.00</b>	<b>-7.2%</b>	<b>47,961,442.00</b>	<b>44,794,812.00</b>	<b>-6.6%</b>
<b>Moeda Local</b>	<b>R\$ 9,706,955.40</b>	<b>11,906,523.58</b>	<b>23%</b>	<b>Peso 47.961,442</b>	<b>83,766,298</b>	<b>75%</b>

Fonte: Secex

## IMPACTO DA CRISE ARGENTINA NOS HORTIFRUTÍCOLAS

Produto	Efeitos da crise nos produtos analisados na Revista Hortifruti Brasil	
<b>Tomate</b> <b>Impacto Negativo</b> 	<p>Com relação ao comportamento do comércio externo de tomate neste 1º trimestre de 2002 em comparação ao mesmo período de 2001, pôde-se notar um expressivo recuo nas exportações, tanto de produto industrializado, que apresentou queda de 40% para a Argentina, como de produto <i>in natura</i>, que neste ano não registrou nenhuma venda para o país vizinho até março (em 2001, foram exportados 232 mil dólares). O principal problema enfrentado pelo setor <i>in natura</i> com a pouca partici-</p>	<p>pação da Argentina no mercado diz respeito à ausência de um importante comprador nesta época do ano. O inverno é um período caracterizado pelo aumento na oferta nacional, em virtude da entrada de novas regiões produtoras, e também de maior demanda argentina, já que o frio intenso impede a produção no país vizinho. Além disso, a Argentina costuma adquirir o produto a preços superiores aos praticados no mercado local, representando uma importante alternativa aos produtores brasileiros. O volume que está deixando de ser enviado ao mercado argentino, os atacados locais estão absorvendo, aumentando ainda mais a oferta interna. Isto tem pressionado os preços praticados no Brasil, principalmente do tomate verde, já que o maduro é totalmente absorvido no mercado interno, por apresentar-se em pouca quantidade (o frio atrasa a maturação do tomate e diminui a oferta do fruto vermelho).</p>
<b>Manga</b> <b>Nenhum impacto</b> 	<p>Apesar da redução de 87% na receita com exportação neste primeiro trimestre para a Argentina, o impacto é pequeno. As exportações de manga para o país vizinho não são tão expressivas (corresponderam a 2% das vendas externas totais em 2001) quando compa-</p>	<p>radas com o enviado para os Estados Unidos e Europa, pois os preços recebidos pelos produtores são inferiores aos pagos por esses dois últimos compradores. A manga enviada à Argentina é de padrão similar ao do mercado americano (mais exigente devido ao tratamento hidrotérmico). As negociações muitas vezes são feitas por terceiros (a partir da fruta que é enviada para São Paulo e outras capitais, não pelos exportadores nordestinos). São poucas as empresas que negociam com o Mercosul.</p>
<b>Uva</b> <b>Impacto Negativo</b> 	<p>Na balança comercial da uva, a Argentina possui certa importância. Em 2001, representou cerca de 14% da receita gerada com as nossas exportações e 10% de nossas importações. Porém, esses valores financeiros, em termos absolutos, se comparados aos números totais da produção nacional, são muito pequenos. Com a crise argentina, a importa-</p>	<p>ção da uva do país vizinho cresceu cerca de 64% nos três primeiros meses do ano, em relação ao mesmo período de 2001. Mesmo assim, a crise argentina teve pouca influência no mercado interno brasileiro, mesmo com o aumento das importações. Já no segundo semestre, a crise pode comprometer nossas exportações para o país e como as regi-</p>
<b>Banana</b> 	<p>A participação da Argentina na compra da banana brasileira já foi de 61% em 1998. Após três anos de queda (1999 a 2001), houve uma recuperação já no primeiro trimestre deste ano, chegando a 51% do total das exportações brasileiras. A principal causa desta reação relaciona-se à crise da Argentina - por dificuldades financeiras, a ex-</p>	<p>portação da banana equatoriana, filipina ou de qualidade igual a desses países perdeu competitividade com a banana brasileira, que é tida como de qualidade inferior. Como a população argentina parece consumir muita banana, chegando a 4,3 toneladas no ano (Mercado de Buenos Aires, 2000), o Brasil está aproveitando</p>
<b>Melão</b> <b>Nenhum impacto</b> 	<p>A Argentina não é um comprador em potencial do melão brasileiro, respondendo por cerca de 5% do total exportado. As vendas brasileiras de melão fresco ocorrem predominantemente para o Reino Unido, responsável por 78% do volume de melão enviado ao exterior no ano de 2001. Contudo, nota-se a considerável diferença entre o volume financeiro negociado no primeiro tri-</p>	<p>mestre de 2001 e no respectivo trimestre de 2002, quando se observa a variação negativa de 86%. Os produtores brasileiros, que também atuam como agentes exportadores, dificilmente negociam diretamente com clientes argentinos. O que ocorre é que agentes intermediários atuantes no mercado externo compram o produto e repassam-no aos países importadores menos tradicio-</p>
<b>Batata</b> <b>Impacto Negativo</b> 	<p>O Brasil é auto-suficiente na produção de batata <i>in natura</i>, contudo é importador de batata-semente e industrializada. Em 2001, a batata preparada e congelada foi o principal produto importado (a Argentina fornece 76,6% do total comprado pelo Brasil, cerca de US\$ 41,35 milhões). Já a batata-semente corresponde a um</p>	<p>volume financeiro menor, US\$2,24 milhões. A desvalorização do peso diante do dólar, promovida no início de 2002, deixou o produto argentino mais barato em relação ao mesmo período do ano anterior, importando-se mais em preços mais baixos. Dessa maneira, neste trimestre (jan a mar), o Brasil importou 14% a</p>
<b>Cebola</b> <b>Impacto Negativo</b> 	<p>A Argentina é o principal fornecedor deste produto para o Brasil. Contudo, entre 1999 e 2000, com a desvalorização do real frente ao dólar, houve uma queda de aproximadamente 224 mil toneladas para 73 mil toneladas do volume que importamos do país vizinho. Com a crise argentina e a desvalorização do peso em relação ao dólar, no primei-</p>	<p>ro trimestre deste ano, já se verifica um maior volume importado em relação ao ano anterior - um acréscimo de 10 mil toneladas aproximadamente, 53% a mais em comparação com 2001. Neste ano, com a crise ocorrida no país vizinho, tomou-se favorável o aumento das exportações para o Brasil, visto que o consumidor argentino encontra-</p>
<b>Mamão</b> <b>Nenhum impacto</b> 	<p>A Argentina tem pouca influência na balança comercial do mamão, portanto, a crise não teve impacto no setor. O país não consome muito o produto e as exportações brasileiras</p>	<p>para a Argentina são muito pouco significativas. No ano passado, o Brasil quase não enviou o produto para o vizinho e, neste ano, vendeu US\$ 21 mil para a Argentina, uma re-</p>
<b>Citros e Sucos</b> <b>Nenhum impacto</b> 	<p>A participação da Argentina nas vendas brasileiras de citros e suco de laranja para mercado externo é marginal. A crise argentina,</p>	<p>aliada à escassez da fruta e à redução dos estoques brasileiros de suco, reduziu ainda mais o volume exportado pelo Brasil. Contudo, a queda das vendas para o vizinho pouco afeta as exportações ou o desempenho do setor.</p>



Apesar dos valores dos contratos não terem mudado, o mercado "portão" sentiu os efeitos do aumento da nova safra e da fraca procura pela fruta no mercado interno

# Indústria abre negociações no portão

Uma fria abertura de safra

A safra 2002/03 tem início oficial em junho, junto à chegada do inverno. No mercado interno, a queda nas temperaturas não é bem recebida, já que costuma reduzir o consumo de citros em todo o estado de São Paulo, principal centro consumidor. Menos procurada e com uma oferta maior em 2002 - a disponibilidade da fruta para o mercado doméstico pode chegar a 80 milhões - a laranja não deve registrar grandes reações em suas vendas já em junho (em maio, as vendas no mercado interno seguiram lentas, embora a laranja pêra tenha permanecido 4% mais valorizada em relação ao mesmo período de 2001). Com a perspectiva de um mercado menos atrativo em junho, o setor deve estar atento aos valores praticados pela indústria de suco no mercado "portão", ou *spot*, já que o interesse pelo fechamento de

contratos deve estar menor. No final de maio, parte das unidades que ainda não havia iniciado a moagem abriu os portões ao valor de R\$ 3,00 e R\$4,00 para a caixa de 40,8kg das precoces (poncã e hamlin) postas e R\$4,50 a R\$5,00 para mesma caixa da pêra posta. No ano passado, a abertura da moagem da safra 2001/02 aconteceu em julho, no valor médio de R\$6,97/cx 40,8 kg para a pêra posta e R\$4,00 a R\$7,00 para as precoces postas (já processadas em maio de 2001). Segundo a Abecitrus, a indústria de suco de laranja concentrado deverá moer cerca de 260 a 280 milhões de caixas na safra 2002/03.

Estagnação na Europa deve continuar

Entre maio/junho deste ano, segundo atacadistas europeus, os preços do suco de laranja em Roterdã se mantêm estáveis, cotados em US\$ 1.200 a tonelada. A perspectiva é que os preços deverão se sustentar nestes patamares até setembro em função dos baixos níveis de estoque que a indústria apresenta atualmente. Além disso, os engarrafadores europeus ainda mostram desinteresse pelo suco brasileiro, poucas vendas têm ocorrido e apenas no mercado *spot*. Para eles, a situação é reflexo

dos contratos de longo prazo estabelecidos no final do ano passado entre a indústria nacional e os compradores, que seguem estocados. Em outubro 2001, suco foi de US\$ 900-1.000/t para cerca de US\$ 1.100-1.250 - dependendo da qualidade e do tipo de contrato. Essa valorização deve-se a menor oferta da safra passada brasileira.

Nos últimos meses, o mercado norte-americano, representado pelas cotações negociadas na Bolsa de Nova Iorque, manteve-se similar às cotações na Europa, em torno de US\$ 1.200,00. Apesar dos Estados Unidos representar apenas 12% total das exportações brasileiras em 2002, a Bolsa é um referencial para o mercado internacional e para alguns contratos realizados entre a indústria e o produtor que incluem participação no mercado internacional no final do ano safra. Avaliando o período de junho/01 a maio/02 com o mesmo período de 2000/01, as cotações na Bolsa do suco concentrado valorizaram-se em 12%.

## Suco valoriza 12% em 2001/02

Média Mensal da Bolsa de Nova Iorque  
US\$/tonelada

Mês	Ano - Exportação	
	2001/02	2000/01
JUL	1.173	1.149
AGO	1.111	1.061
SET	1.152	1.028
OUT	1.146	1.007
NOV	1.269	1.078
DEZ	1.166	1.164
JAN	1.261	1.108
FEV	1.287	1.096
MAR	1.324	1.095
ABR	1.284	1.064
MAI	1.285	1.135
JUN	1.108	1.108
MÉDIA	1.223	1.091

Obs: Em 2001/02, a média anual considera o período de julho/01 a maio/02.

Fonte: Bolsa de Nova Iorque

## Indústria antecipa o processamento em 2002

Preços Mensais recebidos pelos produtores no portão da indústria - R\$/cx. de 40,8 Kg




Fonte: Cepex

Por Renata dos Santos e  
Carolina Dalla Costa

*Pescoço deve se estender até meados de julho, início de agosto*

# Escassez deve continuar

 Oferta deve mudar?

Mesmo adiantado em dois meses em função das chuvas em novembro e janeiro últimos, o “pescoço” (intervalo de produção) deste ano ainda deve se es-

rão causar um aumento no volume ofertado a partir de junho, caso a temperatura não caia, outros afirmam que, indiferentemente da temperatura ou do ritmo da maturação, a oferta não deverá aumentar até meados de

dos frutos), o que deverá manter os preços estáveis. Porém, a partir de junho, pode ocorrer alguma alteração na oferta em decorrência da colheita precipitada de frutas para aproveitar a alta dos preços, ainda que de forma passageira, com rápida recuperação das roças e normalização dos preços.

## Expectativa positiva para os preços do Havaí no inverno

R\$/ Kg - Mamão Havaí [12 - 18] - preços recebidos pelos produtores no Espírito Santo (média mensal)



Fonte: Cepea


tender até meados de julho ou início de agosto, quando a oferta do havaí tende a se normalizar. Além do adiantamento do “pescoço”, especulações acerca do clima também devem influenciar as expectativas para a produção de junho. Com a chegada do inverno e a ocorrência de noites mais frias, a coloração das frutas fica prejudicada e a maturação se dá de forma mais lenta, o que poderá contribuir para a diminuição da oferta neste mês. Dessa forma, as opiniões dos agentes do mercado se dividem: enquanto alguns acreditam que os mamões que estiverem para listar pode-

julho, em função da falta de flores e frutos decorrentes do “pescoço”.

 “Pescoço”

deve beneficiar Bahia

Para o oeste da Bahia, este adiantamento e prolongamento do “pescoço” pode ser muito vantajoso, uma vez que a oferta nesta região deve permanecer estável ou um pouco menor (caso o frio reduza a maturação

 Mercado não sustenta

preços altos

Mesmo com a brusca queda da produção do Havaí no mês de maio, os altos preços alcançados - até R\$1,00 nas roças capixabas - não foram sustentados pelo mercado no final do mês passado em função do baixo poder de compra do consumidor final. No entanto, as expectativas para o início de junho são bastante positivas, uma vez que o comportamento natural de elevação dos preços na primeira quinzena do mês deverá ser mais intenso, dada a continuidade da menor oferta do produto, que deve se estender até meados deste mês.

## De 1 para 0,30

Após chegar a R\$ 1,00 o quilô do produto em meados de maio, os preços recuaram no fim do mês.

Preços recebidos pelos produtores por quilô pelo Havaí [12 - 18]



Fonte: Cepea



A manga deve continuar escassa. Contudo, o mercado não deve suportar uma nova alta nos preços

## Preços altos afastam consumidor

**Atacado deve evitar compra**  
Em junho, a manga deve continuar escassa, a produção nordestina deve aumentar somente a partir de julho. Contudo, o mercado não deve suportar uma nova alta nos preços. Em maio, a manga Tommy oscilou em torno de R\$15,00/ cx de 6kg no Vale do São Francisco, valor suficientemente elevado para afastar as compras dos atacadistas de São Paulo, o que resultou no desaparecimento da fruta no mercado paulista. Assim, espera-se retração nos preços para junho, para que o consumo possa normalizar-se. Os valores recebidos pelos produtores devem estar menores ante os praticados no mês de maio, quando a fruta na roça atingiu média R\$ 1,80/ kg nas três primeiras semanas – no Vale do São Francisco. Além da pressão por preços mais baixos por parte dos compradores, as baixas temperaturas devem interferir negativamente no consumo, desaquecendo a demanda.

**Chuvas reduzem oferta**  
A quantidade de manga produzida no Vale do São Francisco (Petrolina - PE/ Juazeiro-BA) e em Livramento de Nossa Senhora do Brumado (BA), importantes regiões produtoras, deve permanecer reduzida em junho. Segundo produtores locais, a menor oferta é reflexo das chuvas abundantes do final do ano, que causaram cerca de 50% de abortamento das panículas dos pomares nordestinos, prejudicando o florescimento. Diante desse fato, houve baixíssimo volume de fruta na região em maio, elevando demasiadamente os preços da fruta. Normalmente no primeiro semestre, a oferta de manga é inferior; em 2002, porém, vem apresentando comportamento atípico, o que aumentou os valores recebidos pelos produtores de manga tommy em cerca de 137% se comparados ao praticados há um ano. Cabe lembrar também que a produção de Livramento de Nossa Senhora do Brumado também é menor quando com-

parada com a do Vale do São Francisco, dessa forma os preços praticados na região foram mais elevados no mês passado, cerca de R\$ 2,15/kg para a tommy, ainda que a escassez tenha impossibilitado o carregamento em algumas semanas de maio.

### Argentina: apenas 2% do volume e receita

A crise econômica do país vizinho pouco afetará as exportações de manga brasileira

País	Volume (t)	US\$ FOB
Argentina	1.942	1.046.740
Estados Unidos	27.370	15.087.959
União Européia	61.184	32.506.530
<b>Total</b>	<b>94.291</b>	<b>50.813.691</b>

Fonte: Secex, 2001

Obs: Dados de exportação referentes a 2001

**Argentina não interfere no mercado da manga**  
Neste ano, as exportações de manga para a Argentina provavelmente não devem ocorrer devido aos problemas econômicos que o país enfrenta. Porém, isso não deve interferir negativamente no volume de manga brasileira destinado ao mercado externo. Apesar de ser o primeiro país do Mercosul na aquisição do produto, importa apenas 2% no total em volume financeiro exportado, ante 30% e 68% dos Estados Unidos e União Européia, respectivamente.

### Escassez da fruta eleva preços em 2002

R\$/kg da manga Tommy recebidos pelos produtores de Petrolina/Juazeiro



Fonte: Cepea

Por Maria Luiza Nachreiner

Setor deve acompanhar normalização da oferta do Vale, mas frio pode atrapalhar vendas

## Frio pode dificultar reação

Oferta do Vale pode valorizar melão. Os produtores de melão acreditam que a normalização da oferta no Vale do São Francisco, evidenciada a partir do mês de junho, poderá beneficiar o setor, que deve trabalhar com uma oferta mais regular e, conseqüentemente, melhores preços. Contudo, o consumo tende a continuar lento com a chegada do frio, limitando uma provável reação. Em maio, o aumento no volume ofertado pela região gerou desvalorização do produto - boa parte da área plantada na região foi colhida em pouco tempo, concentrando a oferta e dificultando a comercialização. O mercado não conseguiu esco-

ar o produto em decorrência da lentidão nas vendas, gerando estoques que pressionaram os preços da fruta.

Preços x qualidade. A qualidade da fruta, durante o período de entressafra (março a junho), fica muito abaixo das exigências do consumidor, favorecendo a desvalorização dos preços recebidos pelos produtores, quando comparados aos praticados na safra. A baixa qualidade do produto em

### Exportação de melão para Argentina

Preço médio por kg diminui receita (US\$ mil FOB)

Período	US\$ mil FOB	Volume (t)	Preço Médio
01 a 03/2001	11.068	25.585	US\$ 0,43 / Kg
01 a 03/2002	9.759	25.770	US\$ 0,38 / Kg

Fonte: Secex

conjunto com os altos preços alcançados no primeiro trimestre (marcado pela escassez da fruta) afastou o comprador, paralisando as vendas e derrubando os preços. Em maio, o valor do melão amarelo oscilou entre R\$7,00 e 8,00/cx 13 kg, na Ceagesp.

### Consumidor diz NÃO aos preços altos

Evolução do preço do melão do Vale e no atacado de São Paulo - Tipo 6 - R\$/cx. 12kg



Fonte: Cepea

Utiliza-se como referência para as negociações o preço do Vale do São Francisco em São Paulo, mas não necessariamente toda a fruta comercializada entrará no mercado paulista. A cotação acima só não é válida para as cidades que se encontram localizadas geograficamente ao sul de Curitiba (PR). O atacado apresenta defasagem de uma semana para a transmissão dos preços do Vale do São Francisco.

Mossoró inicia plantio. O plantio da próxima safra da região de Mossoró (RN) está programado para ocorrer no mês de junho, embora alguns produtores já tenham suas lavouras plantadas na região. O início do plantio está diretamente atrelado às condições climáticas - o produtor espera a época certa, quando não ocorra excesso ou falta de água para germinação das sementes. Com quase totalidade da área plantada até meados de junho, espera-se a entrada do melão potiguar no mercado a partir de meados de julho/agosto. Segundo agentes do setor, neste ano, produtores estão apostando no plantio de melões nobres, como o orange, cantaloupe e gália, aumentando em cerca de 30% a área plantada em 2002.



*Adversidades climáticas podem ter reduzido oferta em Jales.  
A uva centennial foi a mais prejudicada.*

## Jales e Pirapora iniciam colheita

FOTO: IBRAAF

Jales e Pirapora abastecem mercado interno. Em meados de junho, os principais mercados consumidores começam a ser abastecidos pelas cidades de Jales (SP) e Pirapora (MG). A região de Jales já deve iniciar a colheita no início do mês. Segundo fontes de mercado, a oferta neste ano deverá ser ligeiramente menor devido ao excesso de chuva e calor ocorridos durante o florescimento da cultura. A variedade sem semente centennial foi a que apresentou maiores perdas com as condições climáticas. Já em Pirapora, que atende principalmente os mercados de Minas Gerais, Goiás e Rio de Janeiro, os parreirais tiveram um bom desenvolvimento, a região também está cultivando a variedade centennial e a colheita já se iniciou no fim de maio. O preço médio recebido pelos produtores no início da safra foi de R\$ 2,40/kg, para o produto embalado na roça.

Crise Argentina deve afetar negócios no segundo semestre. Jales e Pirapora devem ter suas vendas comprometidas para a Argentina durante o segundo semestre, em função da desvalorização do peso, que torna a uva brasileira pouco atrativa no mercado argentino. Apesar das exportações para o país vizinho não serem de extrema importância para as regiões, são fundamentais para regular a oferta no mercado interno. Caso as vendas não se concretizem, poderá haver uma ligeira queda nos pre-

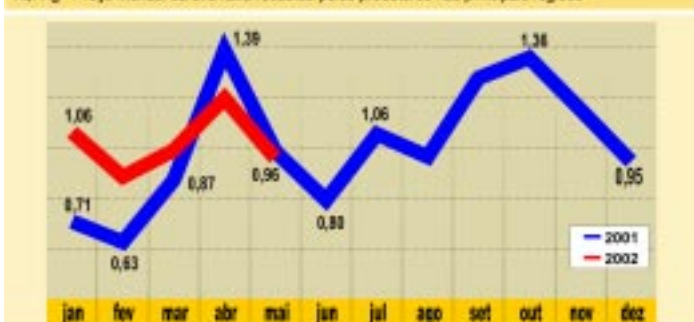
ços da fruta no mercado brasileiro. Pirapora deverá ser menos prejudicada, porque não consegue atender toda demanda por sua fruta, podendo direcioná-la para outras regiões nacionais.

Paraná encerra safra em junho. As regiões produtoras do Paraná deverão ter colhido cerca de 85% das frutas até o fim de junho. Neste ano, o estado do Paraná teve sérios problemas climáticos durante a colheita - entre os meses de março e abril, uma estiagem comprometeu a qualidade das frutas, as bagas ficaram miúdas e a rubi não atingiu sua coloração característica. Já no mês de maio, houve excesso de chuva entre os dias 17 e 22, paralisando a colheita, resultando em prejuízos aos produtores, já que as bagas apresentaram rachaduras após a chuva. A quebra de aproximadamente 30% e o melhor escalonamento da poda na safra ajudaram a manter os preços mais estáveis em relação a 2001.

Exportações encerram com boas expectativas. As vendas para Europa entre os meses de maio e junho ocorreram normalmente. Os exportadores confirmam que o volume exportado nesta janela foi inferior ao mesmo período do ano

passado, devido, principalmente, às chuvas ocorridas no início do ano, que prejudicaram os parreirais. Há uma expectativa positiva por parte dos exportadores quanto aos preços que serão recebidos pela fruta. Os fatores externos ocorridos neste período, como os problemas climáticos enfrentados pela África do Sul e Chile, importantes fornecedores de uva para Europa, deverão favorecer as vendas do produto brasileiro na Europa. A maior parte dos exportadores encerrou os embarques no início do mês de junho, mas o produto brasileiro deve permanecer no mercado até meados do mês de julho, quando os principais países europeus iniciam a colheita da fruta. A região de Petrolina/Juazeiro também não deverá enviar fruta para a Argentina no segundo semestre, dada a dificuldade de pagamento por parte dos compradores vizinhos. Assim, a fruta deve ser direcionada ao mercado interno e ao europeu, durante a segunda janela do ano.

Em maio, preços da Itália mantêm-se similares a 2001 com a oferta regular do Paraná. R\$/ Kg - Preço mensal da uva Itália recebido pelos produtores nas principais regiões



Fonte: Cega

Por Fernanda Garutti e  
Marina L. Natthiesen

Frio pode reduzir consumo  
em período de elevada oferta

# De olho nos termômetros

🌿 Frio deve prejudicar vendas

A queda nas temperaturas previstas no mês de junho para o Sudeste, principal mercado consumidor de bananas,

deve prejudicar as vendas do produto, já que o consumo de frutas geralmente é menor no inverno. Além disso, espera-se que a oferta da banana prata permaneça alta, já que o norte de Minas Gerais segue em plena safra. Mesmo assim, agentes do setor apostam em melhores preços para a prata no período, considerando os baixos valores praticados em maio, que podem estimular o consumo. Contudo, o setor deve estar atento ao provável desaquecimento na demanda e possível manutenção da oferta des-

sa variedade. Em maio, a banana prata registrou média de R\$5,90/cx 20kg (média de preços praticados em todas as regiões produtoras).

🌿 Nanica pode reagir

Em junho, a quantidade de banana nanica no mercado deve cair, já que Santa Catarina ainda não deve intensificar sua safra durante o mês. Além disso, o Vale do Ribeira pode ofertar menos fruta com a chegada do frio, ainda que o El Niño amenize a queda nos termômetros. Assim, uma leve reação em seus valores pode ocorrer em junho, caso suas vendas não forem significativamente prejudicadas pelo baixo consumo no inverno. Em maio, a média da variedade não passou de R\$ 2,75/cx de 22kg (média de preços praticados em todas as regiões produtoras).

🌿 Poncã ainda mais barata em junho

Em junho, a poncã deve continuar entrando no mercado em valores ainda mais baixos que os praticados em maio. Segundo agentes do mercado de citros, a oferta da tangerina está maior em relação à safra passada e sua oferta deve se estender até julho. Na segunda quinzena do mês passado, observou-se uma maior concorrência da poncã com as dife-

rentes variedades de banana, apesar das tangerinas não terem apresentado qualidade ideal para consumo.

🌿 Santa Catarina de olho no clima

Segundo a Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina), no mês de maio, foi constatado um aumento de 3°C na temperatura das águas do Pacífico, o que determina a ocorrência moderada do Fenômeno El Niño, que deve atingir Santa Catarina no final do inverno, a partir de julho. Mesmo assim, já em junho, há previsão de veranicos (secas em períodos normalmente chuvosos), não sendo descartada a ocorrência de fortes chuvas ou eventos de calor e frio acentuados em determinados períodos do mês.

🌿 Argentina pouco altera mercado interno

Apesar do elevado crescimento das exportações neste primeiro semestre, principalmente para a Argentina, a quantidade de banana enviada ao nosso vizinho ainda é irrisória se comprada à produção total brasileira. Em 2002, o volume exportado no primeiro trimestre foi de 2,84 mil caixas, uma alta de 198,5% se comparado a quantidade enviada no mesmo período em 2001. Desse total, os principais compradores foram a Argentina (63,87%), Uruguai (15,37%) e o Reino Unido (12,13%), que juntos, representaram neste período, mais de 91% das exportações brasileiras.

## Alta nas exportações em 2002

O volume total exportado no primeiro trimestre de 2002 já corresponde a 65% do total enviado em 2001

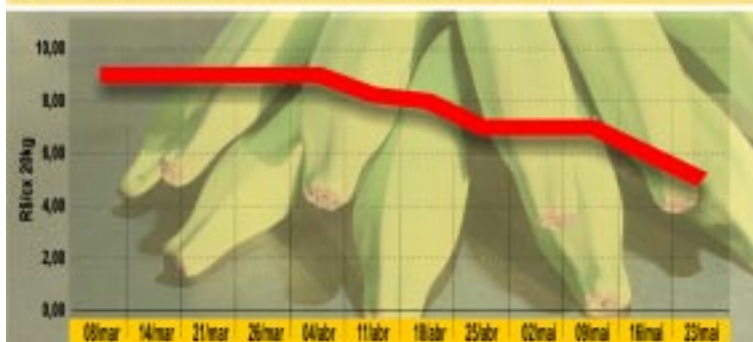
Ano	US\$ (milhões)	Volume (toneladas)
2000	12.359	35,01
2001	16.036	60,94
2002*	6.822	39,86

\* Relativo ao primeiro trimestre de 2002

Fonte: Secex

## Preço da prata mineira cai em 2002

Preço recebido pelo produtor semanalmente no norte mineiro - R\$/ cx de 20 Kg



Fonte: Cipea







Sérgio de Zen, 35 anos, é pesquisador do Cepea, estuda os assuntos macroeconômicos aplicados ao agronegócio e responde pelos Índices Esalq/BM&F do Boi Gordo e Bezerro (sergdzen@esalq.usp.br)

*Para o Brasil, é melhor que a Argentina encontre uma saída e volte a crescer, retomando as compras dos produtos brasileiros e as vendas com valores mais estáveis*

## De onde vem a crise argentina?

No passado, mais especificamente na primeira metade do século XX, a Argentina chegou a padrões de desenvolvimento equivalentes aos países mais desenvolvidos da época. O retrocesso econômico, propriamente, tem início nos anos 30, quando a tradição democrática do país dá lugar ao chamado populismo.

Essa corrente política conduziu o país a uma sequência de crises políticas e econômicas. Os argentinos perceberam, então, que a moeda nacional não era mais confiável e passaram a incorporar o dólar como moeda corrente. A diferença entre Brasil e Argentina deve ser destacada neste ponto. Enquanto os brasileiros em momento algum fizeram aplicações em moeda estrangeira. A população argentina, ao contrário, poupava em dólar enquanto o governo arrecadava em moeda nacional. Contudo, a fonte de dólar era cada vez mais restrita devido ao decrescente valor das exportações

no comércio mundial, principalmente nos produtos agrícolas.

Os problemas econômicos se intensificaram com a hiperinflação no início dos anos 90. O presidente Alfonsín renuncia para dar lugar ao presidente Menem. O Plano de Conversibilidade, implementado por seu ministro Cavallo, foi um sucesso, pois o país experimentou queda da taxa de inflação aliada à taxa de crescimento econômico acima da média mundial, próxima aos números dos tigres asiáticos, cerca de 7% ao ano. Contudo, tal crescimento não foi movido por ganhos de produtividade, mas de gastos do governo que utilizou o dinheiro arrecadado com as privatizações. Portanto, a dívida do estado não caiu e nem criou estrutura para ganhos de produtividade.

Para acentuar os problemas no vizinho, no início de 1999, o real se desvaloriza frente ao dólar. A moeda brasileira passa, em poucos meses, de R\$ 1,20 para R\$ 2,00 por dólar. Isso equivale dizer que, por exemplo, a carne brasileira que custava R\$ 35,00 por arroba ou US\$ 29,16, passa a valer US\$17,00, ou seja, o Brasil passou a ser um paraíso de compra dos argentinos.

A eleição de um presidente de

oposição em 1999 e, em 2000, a recondução de Cavallo ao cargo de ministro não impediu que o país chegasse ao caos com cinco presidentes entre final de 2001 e início deste. Com certeza todos sabiam ou sabem o que deve ser feito para sair da crise, mas como explicar para uma nação culta e politizada que o dinheiro se foi e que anos de trabalho e poupança foram juntos? A crise Argentina, sem dúvida, tem origens nas políticas protecionistas, que deixam os países exportadores de commodities em dificuldades, mas também apresenta raízes nos equívocos de políticas econômicas mirabolantes, que não corrigem a máxima da economia "gastar menos do que se arrecada", pois dessa forma o país fica impossibilitado de lutar por melhores condições de comércio, uma vez que os países que mais protegem são os mesmos que emprestam dinheiro para cobrir os buracos do caixa.

Para o Brasil, é melhor que a Argentina encontre uma saída e volte a crescer. Dessa forma, pode absorver produtos brasileiros e vender outras mercadorias com preços estáveis, chegando a um equilíbrio comercial. Além disso, precisamos agradecer a sorte de termos nosso pouco crescimento baseado em ganhos de produtividade. Resta atentar para o fato de que cada brasileiro é uma parte do governo e quando são tirados benefícios dos cofres públicos sem produzir algo em troca, estamos gastando hoje uma parte de nosso futuro como Nação.

Para enviar artigos para a coluna, utilize o correio eletrônico: [híbrasil@esalq.usp.br](mailto:híbrasil@esalq.usp.br)



**BANANAS DE QUALIDADE** 

**FRUTVALE**  
Cooperativa de Fruticultores do Vale do Verde Grande Ltda

Rua Augusto de Lima 12  
Bairro Dente Grande - Janaúba-MG  
Tel: (38) 3821-6969  
E-mail: [frutvale@nortecnet.com.br](mailto:frutvale@nortecnet.com.br)

# VAI NEGOCIAR? ENTÃO LEIA.

## Hortifruti <sup>Brasil</sup>



*Invista em pesquisa e exponha seu  
produto numa vitrine nacional.*

Para anunciar, ligue 19 3429-8808

HORTIFRUTI Brasil é uma publicação de elevada qualidade editorial, com reconhecimento das pesquisas realizadas pelo Centro no setor hortifrutícola, dirigida à agentes relacionados com a área, focalizando principalmente os negócios do segmento.

Este veículo proporciona maior visibilidade na mídia e uma ampla divulgação em feiras e através de várias palestras aos produtores de todo o Brasil, e ainda, com contato direto com os principais agentes desse mercado formadores de opinião (incluindo a fruticultura do nordeste até a produção de cebola na fronteira da Argentina).